

Ainda Estou Aqui

Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna
1943-2024



As histórias de Marilu e Eunice se cruzaram na prisão e nas ruas. As duas foram presas diante dos filhos, partiram encapuzadas para dias e noites de terror no quartel do DOI-Codi, na Tijuca. Ali, venceram o medo, desafiaram o arbítrio e protegeram camaradas. Sobreviveram ao ódio dos algozes com a força de quem tem motivo para viver. O motivo das duas era o amor. Pela família, pelo país e por dias melhores. A saga de Eunice Rubens Paiva está nas telas do Brasil e do mundo, no belíssimo *Ainda Estou Aqui*, de Walter Moreira Salles. A lida de Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna está escrita em seus livros, artigos e na memória de familiares, amigos e alunos.

Marilu morreu aos 81 anos, na segunda-feira, 16 de dezembro, depois de uma longa batalha contra doenças respiratórias. Mesmo ofegante, nunca abandonou o ofício docente. Recentemente, já com respirador na face, deu aula de democracia em homenagem aos mortos e desaparecidos da UFRJ. Socióloga e professora de Instituto de Economia da UFRJ, ela foi importante estudiosa do sistema de previdência e saúde no Brasil.

Defensora incansável da universidade pública, comunista libertária desde menina, Marilu trocou a mansidão da aposentadoria pela presidência da AdU-

FRJ num dos momentos mais difíceis da história recente do Brasil. Estava à frente do sindicato no governo golpista de Michel Temer e no primeiro ano do sombrio desgoverno de Bolsonaro. Marilu imprimiu à AdUFRJ a sua marca, com compromisso, gentileza e coragem.

Mãe de quatro filhos, frutos de seu casamento com o sociólogo Luiz Werneck Vianna, também morto em 2024, Maria Lucia era de luta, mas também era de casa. Vivia rodeada dos nove netos. Falava do bisneto como quem fala da esperança.

Seu funeral foi um rito de saudade cantada. Teve prece, teve internacional socialista, teve Tim Maia. Juntos, todos entoaram a certeza de que Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna ainda está e estará aqui.

Com carinho e admiração, o Jornal da AdUFRJ homenageia, em edição especial, a professora Marilu, com quem tivemos a honra de compartilhar horas e horas de redação durante seu mandato.

Na fotografia acima, adaptamos o cartaz do filme de Walter Salles à imagem de arquivo pessoal de Maria Lucia. Estão ali ela, o marido e os filhos Juliano, João Pedro, Salvador e Marina.

(ANA BEATRIZ MAGNO, ANDRÉ HIPPERTT, KELVIN MELO E SILVANA SÁ)

MÃE, COMUNISTA, AVÓ, PROFESSORA, BISAVÓ... MARILU

> Em depoimentos emocionados, os quatro filhos de Maria Lucia contam como a mãe sempre foi alicerce, presença, constância e alegria, mesmo nos momentos mais difíceis da história familiar



OS TEIXEIRA. Brigadeiro Francisco Teixeira, filho Raul e neto João Pedro

JOÃO PEDRO TEIXEIRA WERNECK VIANNA

Fiquei muito tocado quando vi o filme "Ainda estou aqui". Estava com minha esposa no cinema. Numa das cenas, aparece Eunice encapuzada, indo para a Barão de Mesquita, nos anos do golpe militar. Se não me engano, em 1971, a ditadura militar estava atrás do meu pai, que era dirigente do Partidão, o Partido Comunista Brasileiro. Eles queriam a cabeça do meu pai e prenderam a minha mãe. Vendo o filme, eu me lembrei que minha mãe poderia ter passado pelo mesmo processo.

No dia seguinte ao filme, eu e Gabriela fomos tomar um vinho na casa da minha mãe. Conversei com ela e perguntei sobre aquele tempo. Lembro de nosso diálogo:

"Mãe, você nunca quis comentar nada conosco, com os filhos, sobre sua prisão na Barão de Mesquita, sobre o que aconteceu lá dentro. Respeitamos sempre o seu direito de preservar esse momento triste da história. Como a Eunice foi encapuzada indo para a Barão de Mesquita e ficou lá uma semana, eu queria

saber se aconteceu o mesmo com você."

Minha mãe me respondeu que só iria contar essa parte da história. Ela disse: "Meu filho, eu fui encapuzada junto com o seu avô, meu pai, que foi lá para casa no dia que a ditadura bateu à porta e quis me levar. Meu pai, o Brigadeiro Francisco Teixeira, disse que a filha dele só iria se ele fosse."

Então, os militares levaram minha mãe e o meu avô. Minha mãe ficou presa durante um mês na Barão de Mesquita. Não sei se ela sabia onde meu pai estava, porque naquela época as pessoas clandestinas não tinham como fazer contato. Meu pai já estava no Chile. Na vitória do Salvador Allende, ele foi de caminhão até a Argentina, atravessou a fronteira e de lá seguiu para o Chile. Minha mãe sempre nos preservou do que aconteceu naquele tempo, dentro dos porões da ditadura, dentro da Polícia do Exército."



JULIANO TEIXEIRA WERNECK VIANNA

Minha mãe tinha um gosto musical muito apurado, era muito antenada. Ela me deu uma educação musical maravilhosa. Temos uma coleção de discos desde os anos 1950, passando por Beatles, cancionero popular, show Opinião, música clássica, MPB. Ela sempre tinha sua vitrola. Era pianista, me passou esse gosto e eu passei para o meu filho. Este, sim, é músico de formação. Ela tinha um enorme orgulho disso. A música foi muito importante na vida dela e foi também na minha.

Tinha uma interpretação sociológica sobre tudo, sempre. Ela sempre nos situava sobre gênero, classe, raça, mas sem ser professoral. Ela nos fez entender o mundo a partir dessas referências, a pensar sobre intolerância.

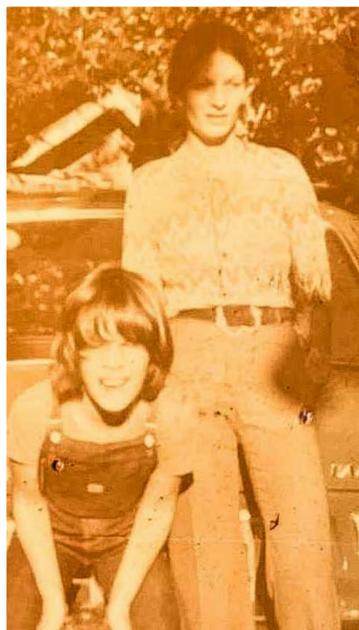
Gostávamos muito de ir ao cinema juntos. Assistimos a muitos filmes. Ela sempre tinha interpretações muito bonitas, generosas. Nessa vida que tivemos, nunca nos sentimos abandonados, mesmo nos períodos mais difíceis.

Ela era amante da literatura, da música, do cinema e da dança. Ela era uma dançarina como poucas. Dança de salão, samba, o que você puder imaginar. Tinha uma veia artística muito forte e uma capacidade artística também. Foi professora primária por muitos anos e tinha grande habilidade com as mãos. Fez fantasias carnavalescas até quando pôde. Eu herdei suas habilidades manuais, seu gosto pelo cinema e pela música. A gente sempre decorava a casa para as festas.

Depois de 1978, quando pudemos viver como família, no Bairro Peixoto. Foi quando ela teve a iniciativa de criar a Associação de Moradores do Bairro Peixoto e foi sua primeira presi-

dente. Eram mulheres à frente da luta contra a especulação imobiliária. Quando criaram a associação, a chapa adversária tinha um coronel. Elas venceram o coronel. Foi uma festa! E elas venceram essa luta para a criação de uma área de proteção ambiental, com um gabarito estabelecido de 12 metros que existe até hoje. Isso é resultado da luta delas. Quando me separei, resolvi voltar para o Bairro Peixoto e também me tornei presidente da Associação de Moradores. Uma entidade forte até hoje, que tem um DNA de luta, que é legado da minha mãe.

Minha mãe era militância, família, tudo junto. Uma mãe diferente, uma mãe maravilhosa. Minha juventude foi regada a liberdade, esperança, utopia, solidariedade. Foi isso que a gente aprendeu com ela."



PRESENTE. Com Juliano, em São Paulo

dente. Eram mulheres à frente da luta contra a especulação imobiliária. Quando criaram a associação, a chapa adversária tinha um coronel. Elas venceram o coronel. Foi uma festa! E elas venceram essa luta para a criação de uma área de proteção ambiental, com um gabarito estabelecido de 12 metros que existe até hoje. Isso é resultado da luta delas. Quando me separei, resolvi voltar para o Bairro Peixoto e também me tornei presidente da Associação de Moradores. Uma entidade forte até hoje, que tem um DNA de luta, que é legado da minha mãe.

Minha mãe era militância, família, tudo junto. Uma mãe diferente, uma mãe maravilhosa. Minha juventude foi regada a liberdade, esperança, utopia, solidariedade. Foi isso que a gente aprendeu com ela."

brigadeiro foi aposentado compulsoriamente e declarado morto para as Forças Armadas. Para a filha, no entanto, ele era o mais vivo dos pais, era literalmente seu anjo da guarda.

Em entrevista ao Jornal da AdUFRJ, em 2018, Marilu relatou pela primeira vez os dez dias de prisão e tortura vividos em 1970:

"Eu estava sendo perseguida. Queriam saber do meu marido, um cientista político cassado pelo regime. Era véspera da Copa do Mundo. Estava em meu apartamento ao lado do prédio dos meus pais, quando três militares tocaram a campainha.

Foi horrível, meus filhos estavam no elevador com meu irmão mais novo. Ele fazia gestos para as crianças não falarem nada.



MARINA VIANNA

Minha mãe era uma pessoa de alma muito nobre, de uma elegância e discrição ímpares. Ela teve uma vida muito dura com a ditadura, com a perseguição, mas nunca reclamou da vida. Nunca! Ela sempre festejou a vida. Apesar da luta e intensa militância, sempre foi uma mãe e uma avó muito presente.

Fazia fantasias, adorava Carnaval. Amava o Boitá! Uma vez, fez várias fantasias de galinha d'angola e fomos todos para o Boitá. Ficamos conhecidos como a família das galinhas d'angola. Ela era assim. Não deixava que

roubassem a nossa alegria.

Como única filha dela, vivenciei sua militância feminista muito intensa: do pensar o lugar da mulher, de poder ser vaidosa sem ser objetificada, de ter uma marca no mundo. E tudo isso sem deixar de ser uma mãe, uma avó, uma bisavó.

Ela era socióloga. As Ciências Sociais eram muito fortes nela. Tinha forte compromisso de pensar as desigualdades sociais no Brasil, os privilégios. E ela criou os filhos assim. Eu estudei a vida toda em escola pública e agradeço muito por isso até hoje. Eu tive uma experiência de inclusão e diversidade que jamais teria numa escola privada."



ARTESÃ. Marilu produzia as próprias fantasias. Com Marina, de galinhas d'angola

SALVADOR TEIXEIRA WERNECK VIANNA

Por ser o filho mais novo, eu acredito que tive sorte, de certa maneira, porque os dez anos anteriores ao meu nascimento foram muito turbulentos. Meu pai e minha mãe foram presos. Em vários momentos tiveram que viver escondidos. Eu não vivi essa parte mais dura. Minha mãe foi muito presente na minha infância, na escola. Depois, na universidade. Minha vivência com ela na faculdade foi muito intensa. Sou economista formado pelo Instituto de Economia da UFRJ. Ela era professora da casa. Nas sextas-feiras, ela tinha uma frase clássica: "Agora eu vou lá no Sujinho beber uma cerveja, porque também sou filha de Deus". Era muito querida pelo Manuel, dono do bar.

Tivemos conversas muito profundas desde quando eu era criança. Minha infância foi com a televisão já muito estabelecida no Brasil e a propaganda na TV associava os comunistas ao mal. Eu, mesmo filho de comunistas, fui levar essa dúvida para ela. E a minha mãe desfez com muita serenidade tudo aquilo que a propaganda tinha incutido na minha cabeça. Ela dizia: "Não existe liberdade com desigualdade."

Em 2011, ela falou pioneiramente em um simpósio da Fiocruz sobre pós-verdade, que hoje a gente chama de fake news. Ela era uma acadêmica que buscava a verdade sem renunciar aos seus princípios e valores, sem renunciar à busca pela liberdade. A ciência não necessariamente busca respostas, mas as melhores perguntas, buscando o contraditório



MATERNAL. Com o caçula Salvador

sempre. Isso tudo ela me ensinou.

A quantidade de trabalhos publicados e orientações definem o quilate do acadêmico. Ela tinha enorme quantidade de orientações de dissertações, teses, além de centenas de trabalhos de conclusão de curso. Era uma verdadeira orientadora. Pegava na mão e dizia "vamos terminar isso juntos". E o fazia mesmo quando não era ela a orientadora formal. Eu testemunhei broncas homéricas que ela dava em orientadores que abandonavam seus orientandos. Isso ela não perdoava. Minha mãe era nobre. Tinha um enorme senso de bravura, de justiça e de generosidade.

Ela foi mãe jovem, militava no PCB, no Centro Popular de Cultura da UNE, dava aulas de alfabetização para adultos em comunidades. Tudo isso com uma ditadura instalada. Uma mulher absolutamente completa, complexa, plural, com muitas sementes plantadas por aí que, com certeza, vão renovar esse ciclo de virtudes. Seguirão dando frutos."

'O RISCO À DEMOCRACIA É REAL. NÃO PODEMOS DEIXAR AS TREVAS E O MEDO VOLTAREM'

ANA BEATRIZ MAGNO

Na manhã de 31 de março de 1964, a professora Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna deixou a maternidade com seu primeiro filho nos braços e um enorme aperto no peito. Aos 21 anos de idade, Marilu não sabia se João Pedro cresceria num Brasil capturado pela barbárie ou num país reinventado pelos sonhos libertários que sua família acalentava. Aquela altura, os brasileiros se

dividiam entre os que flertavam com o golpismo e os que deviam lealdade à democracia. Os Teixeira eram radicalmente democratas. "Meu pai era homem tão crédulo em seus ideais que no dia que João Pedro nasceu encheu o quarto do hospital de rosas vermelhas e comemorou a chegada do neto em tempos vermelhos", conta.

O brigadeiro Francisco Teixeira, pai de Marilu e de mais três rapazes, um deles o ex-reitor da UFRJ, Aloísio Teixeira, cumpriu

uma carreira pródiga nas Forças Armadas. Simpatizante do Partido Comunista, sempre esteve alinhado aos princípios do nacionalismo. Participou da campanha O Petróleo é nosso, chefiou o gabinete do Ministro da Aeronáutica na Era JK, e no ápice da crise do governo Jango, comandava a 3ª Zona Aérea do país. Era um cargo estratégico para a segurança nacional naqueles conturbados anos. "Meu pai estava pronto para resistir. Tinha certeza que sua tropa resistiria, enfrentaria os tri-

dores da Constituição e garantiria a democracia".

A esperança e a ilusão do brigadeiro se transformaram em 21 anos de pesadelo. Francisco Teixeira foi preso quatro vezes durante a ditadura. Seu filho Aloísio ficou na cadeia seis meses. Sua casa foi misteriosamente incendiada. Mudaram de endereço várias vezes. A mãe de Marilu não sofreu apenas o terror de ver o marido e os filhos perseguidos. Enfrentou a humilhação de ser declarada viúva de marido vivo. O



ATUANTE. Marilu liderava comitê na campanha constituinte de 1986

Coitados, eles lembram até hoje. Tinham cinco e seis anos de idade, ficaram nervosos e falaram na frente dos militares que não iam falar nada. Meu irmão correu e avisou ao meu pai. Ele veio correndo para o meu apartamento e disse que só me levariam se o levássemos junto. Ele foi preso por minha causa, para me proteger.

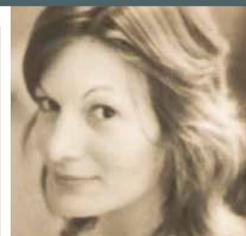
Fomos vendados, num fusca, de Botafogo até a Tijuca, no Quartel da Polícia do Exército. Meu pai foi colocado numa cela em frente à minha. Deram uma vassoura para ele, era obrigado a passar o dia varrendo o chão. Um brigadeiro.

Toda hora falavam para mim: "olha o papai lá". A pior parte era descer para o interrogatório. Todo dia, dez dias seguidos. Eles queriam saber onde estava meu

marido. Eu não dizia. Eles davam choques em meus braços e me ameaçavam mostrando o pau de arara. Depois me deixavam na cela, ouvindo os gritos desesperados de meus companheiros.

Foi muita angústia, eu passava o tempo fazendo barquinhas de papel. Guardo até hoje. Eu resisti, mas não esqueci. Não esqueci dos efeitos sobre meus filhos, do medo deles, do impacto sobre suas vidas. Não quero que isso se repita com meus netos. Hoje temo por eles. E pelo Brasil."

Marilu está transformando seu medo em luta. Aposentada, septuagenária, preside a AdUFRJ com garra. "A universidade está ameaçada. São tempos diferentes. Hoje temos instituições mais sólidas, mas o risco à democracia é real.



Sou de uma geração iluminista que encara a luz como a única saída para a produção do conhecimento. Não podemos deixar as trevas e o medo voltarem", conta a mãe de João Pedro, o primogênito que saiu da maternidade na véspera da mais longa noite brasileira e que ganhou o nome de um bravo líder camponês assassinado. "Precisamos de heróis"

SAUDADES DA NOSSA PRESIDENTE

MARIA LUCIA TEIXEIRA WERNECK VIANNA não titubeou ao aceitar o convite para ser a presidente de chapa para a diretoria da AdUFRJ, em 2017, quando tinha 74 anos. Foi a forma que encontrou de continuar fazendo política na universidade. E, ao mesmo tempo, atender a um desejo do irmão Aloísio Teixeira, ex-reitor da UFRJ entre 2003 e 2011.

“Uma coisa que eu nunca falei é que o Aloísio, quando saiu da reitoria, disse: ‘Agora eu quero ser o presidente da AdUFRJ’. Ele queria ficar na universidade, atuando. Ele não conseguiu satisfazer esse desejo. Faço por ele”, contou à época, em entrevista ao Jornal da AdUFRJ.

E fez em um momento muito bruto da realidade brasileira. Entre outubro de 2017 e outubro de 2019, Marilu conduziu a AdUFRJ entre o fim do governo Temer e os primeiros meses de Jair Bolsonaro — e seus péssimos ministros da Educação. Incansável, dona de uma análise rigorosa dos acontecimentos, firme em suas convicções e com muito bom humor, a professora cativou os colegas de mandato.

“Marilu escutava, se encantava, forjava caminhos e construía entendimentos”, escreveu a professora Tatiana Sampaio, 2ª secretária daquela gestão, em depoimento para esta edição. “Mulher linda, suave, generosa, polida. Amiga para sempre guardada no lado direito do peito”, registrou a professora Ligia Bahia, vice-presidente da diretoria 2017-2019.

Confira, a seguir, a íntegra dos depoimentos dos colegas.



CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA
Diretor do Instituto de Economia

Marilia Lucia era uma comunista. Foi presa pela ditadura como Eunice, e como Maria seguiu adiante. Teve pai, irmão e marido perseguidos e criou quatro filhos, que geraram nove netos, que cantaram a Internacional no seu enterro, pleno de amigos com carinhosas referências. Ao final, uma canção de Tim Maia simplesmente pedia para ela ficar. Tenho muito a agradecer a Marilu. Ela tinha uma assertividade que se conjugava com

generosidade que permeavam o espírito daqueles que tiveram a sorte de conviver com ela. Em 2017, quando pedi a Marilu para assumir a presidência da AdUFRJ, ela estava ofegante, mas não titubeou em aceitar, para logo depois recuperar o fôlego. Marilu seguiu na luta. Talvez tenha sido a primeira presidente aposentada da AdUFRJ. Lutou até o final contra a reforma da previdência, contra os desarranjos do governo Temer que lhe deixamos para enfrentar. A previdência era seu tema de estudo, que carregava com o sentimento de solidariedade que deixava permear pelo seu entorno. Maria Lucia era uma humanista. Solidariedade, humanismo e generosidade são temas cada vez mais escassos nessa trajetória neoliberal do tempo em que vivemos, o tempo que o tempo lhe deu e que a nós caberá tocar adiante. Marilu, vou pedir para você ficar.



FERNANDO SOUZA

DIRETORIA 2017-2019 Da esquerda para a direita: Fernando Duda, Ligia Bahia, Eduardo Raupp, Maria Lucia Teixeira Werneck, Maria Paula Araújo, Tatiana Sampaio e Felipe Rosa



EDUARDO RAUPP
Instituto Coppead

Conheci a Marilu pessoalmente no processo de construção da chapa que viria a ser a diretoria da AdUFRJ na gestão 2017-2019 e que foi por ela liderada. Marilu emprestou seu nome, sua reputação e sua experiência para que um processo de mudança no sindicato iniciado na gestão anterior pudesse ter continuidade. Até então eu tinha referências da sua atividade intelectual, de sua luta contra a ditadura e das importantes funções que havia desempenhado na UFRJ. Era uma admiração distante que só cresceu com a convivência. Marilu tinha o tino da análise

de conjuntura, da visão nacional, da contextualização das pautas sindicais no seu mais amplo contexto histórico e político. Vivemos um período duríssimo na conjuntura nacional, das consequências do golpe contra Dilma à eleição do golpista. Era compreensível, se, àquela altura da sua trajetória, depois de tanta luta pela democracia brasileira, ela desanimasse com o que estávamos vivendo. Estávamos novamente diante de uma ameaça democrática, que não superamos de todo e que foi explicitada nos acontecimentos de janeiro de 2023. Mas desânimo e Marilu eu jamais vi conviverem. Ela foi firme na direção do nosso sindicato e liderou com tenacidade e firmeza as iniciativas que tomamos. Marilu propiciava uma ligação entre uma tradição militante e a sabedoria para enfrentar os novos desafios que se impunham. Um privilégio para quem podia cotidianamente aprender com ela. Um legado que impulsiona todos nós na defesa dos princípios pelos quais ela viveu.

Lembro com muito carinho do seu acolhimento, da sua paciência e da sua compreensão comigo, mesmo nos momentos mais tensos da nossa gestão. Sem deixar de lado suas posições, sempre deu voz a todos, estimulou o debate e liderou as sínteses possíveis.

Minha memória da Marilu vai ser sempre a da sua altivez, da inconformidade genuína e do jeito habilidoso de trazer à baila os pontos críticos. Suas pautas vinham de antes, eram atualizadas e vislumbravam muitos dos desafios de uma luta civilizatória que vamos continuar fazendo. Sem hesitação quanto às tarefas militantes, mesmo que já àquela época fosse desafiada pelas questões de saúde, foi sempre um exemplo. Nos dois anos de convívio na diretoria da AdUFRJ, ela nos brindou com sua lucidez, capacidade de diálogo e firmeza. A admiração se seguiu e seguirá para sempre. Seu legado é inspiração para seguirmos na luta sincera pela Universidade, pela democracia, pelo Brasil. Marilu, presente!



TATIANA SAMPAIO
Instituto de Ciências Biomédicas

Convi de perto com a Maria Lucia por apenas 2 anos, durante nosso mandato na diretoria da AdUFRJ. Não posso afirmar que a conhecia bem, mas posso dizer que adorei tudo que conheci. Tranquila, profunda e acolhedora, a imagem de um lago, recebendo muitos rios sem nunca transbordar. Marilu escutava, se encantava, forjava caminhos e construía entendimentos. Uma combatente firme e doce, que enriqueceu o mundo por onde passou. Estava ao nosso lado fazendo de tudo, liderando sem se impor, vibrando nas conquistas, não se abatendo nas dificuldades e se alegrando ao longo do caminho. Boa de cabeça e de coração, uma pessoa admirável, uma heroína mulher a brilhar como um norte para sempre em nossa memória.



DEBORAH TRIGUEIRO
Técnica-administrativa

Trabalhei com a Maria Lucia no Instituto de Economia durante muitos anos. A Marilu tinha uma história de vida que fazia toda a diferença. Tinha sido professora do ensino básico, era mãe de quatro filhos, e vinha de uma família de cassados pela ditadura. Estudava bem estar social e políticas públicas. Dialogava muito com funcionários e professores. Era muito querida por todos. Admirável mesmo. Fez parte da minha formação política junto com a Conceição e outras professoras do IE. Carinhosa, solidária, acolhedora, mas firme, convicta e segura. Foi um prazer voltar a trabalhar com ela aqui na AdUFRJ. Ô sorte a minha!



FELIPE ROSA
Instituto de Física

o contrário da maioria dos esvaziados pela sua partida, não conheci a Maria Lucia Werneck da luta contra a ditadura, da prisão e da jornada pela redemocratização. Tampouco convivi



MARIA PAULA ARAÚJO
Instituto de História

Conheci Marilu desde que fiz meu doutorado no Iuperj, nos anos 90. Eu a conheci por seus estudos de Sociologia Política e Economia. Mas era uma re-



FERNANDO DUDA
Copepe

teve o privilégio de conhecer pessoalmente a Marilu durante as articulações para a montagem da chapa que disputou e venceu as eleições para a AdUFRJ no período de 2017 a 2019. Nesse mandato, ela exerceu a presidência, enquanto eu atuei como tesoureiro, o que me permitiu acompanhar de perto sua vitalidade, energia, inteligência,



ROBERTO MEDRONHO
Reitor da UFRJ

Professora Maria Lucia foi ícone na luta pela democracia e pela justiça social em nosso país. Uma mulher forte, corajosa e generosa. Professora e pesquisadora brilhante. Seus estudos sobre a previdência social e a saúde são referências importantes para todas as pessoas. Seu legado permanecerá. Maria Lucia é um belo exemplo da excelência de nossa Universidade.



com a brilhante professora de economia e Decana do Centro das Ciências Jurídicas e Econômicas. Meu primeiríssimo contato com a querida Marilu foi em 2017, num dos encontros que consolidou a chapa que venceria as eleições para a AdUFRJ naquele ano. Ficamos dois anos em nosso mandato, e apesar da dureza inerente à prática sindical, ela sempre carregava – ao lado de seu arguto intelecto – uma humanidade que quase arrastava todos ao seu redor. O estar com Marilu sempre trazia aquele conforto da conversa entre velhos amigos, e me lembro de pensar mais de uma vez que “daqui a trinta anos, se estiver como Marilu, é porque algo certo fiz na vida.” Muito obrigado pelo carinho e ensinamentos, minha amiga. Descanse em paz.

ferência teórica apenas. Muitos anos depois, integramos a diretoria da AdUFRJ entre 2017 e 2019. E aí foi um grande encontro de amizade. Conviver com Marilu durante estes dois anos foi um aprendizado para mim: de perspicácia, de julgamento moral, de juventude, de coragem, de acuidade em relação a fatos, pessoas e posturas. E de uma enorme vivacidade. Marilu conjugava uma integridade muito absoluta com alguns momentos de grande senso de humor. Foi uma parceria importante na minha trajetória. Sempre vou me lembrar de tudo que aprendi e vivi com ela.

carisma, bom humor e firmeza. Essas qualidades, somadas à sua sagacidade e ao seu sorriso acolhedor, marcaram profundamente sua gestão à frente da AdUFRJ.

Participamos de inúmeras reuniões, congressos do ANDES em Salvador e Belém, além de muitos outros encontros. Foi um período de grandes desafios no pós-impeachment, com severas ameaças ao serviço público e às universidades públicas, em um contexto político tenso, marcado inclusive pela intervenção federal no Rio de Janeiro.

Marilu foi uma liderança ativa, resiliente e inspiradora, que enfrentou essas adversidades com coragem e determinação, deixando um legado de resistência. Uma amiga querida que deixará muitas saudades.

Professora Maria Lucia foi ícone na luta pela democracia e pela justiça social em nosso país. Uma mulher forte, corajosa e generosa. Professora e pesquisadora brilhante. Seus estudos sobre a previdência social e a saúde são referências importantes para todas as pessoas. Seu legado permanecerá. Maria Lucia é um belo exemplo da excelência de nossa Universidade.



LIGIA BAHIA
Instituto de Estudos em Saúde Coletiva

Fui convidada para escrever este texto por ter compartilhado com Maria Lucia uma gestão da AdUFRJ. Fomos da diretoria em 2017-2019, ela Presidente (não gostaria de Presidenta – importante advertir que rejeitaria por ser feminista) e eu vice. Como o espaço para o texto é exíguo e imensa a relevância da Maria Lucia para o Brasil e UFRJ, decidi sintetizar uma parte de sua trajetória intelectual.

Sua tese de mestrado “A Administração do ‘Milagre’ – O Conselho Monetário Nacional – 1964-1974” é um marco para a compreensão da ditadura militar, para além de seus aparatos repressivos e arrocho econômico. Importante, inédita, avançou o conhecimento sobre a conformação de legitimidade, hegemonia de governos autoritários. Maria Lucia, não foi apenas vítima dos anos de chumbo; ousou estudar o monstro; dissecou suas entranhas. Passou a nos ensinar que “lei pega” (pode ser mais, menos) que as normas legais importam, fazem sentido, oprimem, produzem, intensificam desigualdades.

A obra “A Americanização (Perversa) da Seguridade Social no Brasil: Estratégias de Bem-Estar e Políticas Públicas” – resultou de seu doutorado. Um estudo “pra ninguém botar defeito.” O que é “O Social” nas suas dimensões valorativas e pragmáticas expostos com rigor, acuidade e ultra bem documentados, estão acompanhados por análises acuradas de experiências internacionais, debates, o teor da Constituição de 1998, controvérsias após a aprovação,

leis regulamentadoras e posicionamentos de movimentos sociais, sindicais e empresariais. Maria Lucia, uma das criadoras da concepção sobre a inserção dos direitos sociais na Constituição, se dedicou à investigação da criatura: uma seguridade social contraditória, seletiva, com baixo potencial redistributivo, mas “superlativa.” Tese, referência incontornável para os estudos sobre possibilidades, limites e padrões daquilo que é considerado esfera social, benefício, direito social no Brasil. O adjetivo “perversa” (para ela, conceitos qualificados, após a conclusão de pesquisas adquiriam conteúdo) tem sido substituído, em outros estudos, por excludente, incompleta, imperfeita).... Mas, proposição e argumentos originais permaneceram atuais.

Dois exemplos de empreendimentos teóricos e de dedicação à reflexão sobre nossa realidade e seus limites e possibilidades de mudança, sedimentados em uma longa trajetória de domínio da literatura clássica, esforços para o acompanhamento dos caminhos e descaminhos das ciências sociais e genuína abertura para o entendimento do novo-novo e novo velho. Maria Lucia nunca foi fiel a um autor, a uma escola.

Marxista, gostava de Weber, de Gramsci e Stuart Mills.... Ecletismo, mas com rumo e prumo. Pensamento único jamais. Distorções, contorções e pedantismos pseudocientíficos, nunca. Nem pensar em descrições exaustivas que “morriam na praia” e números torturados, “que por si nada falam.”

Professora generosa, com profundo interesse e respeito pelos distintos pontos de partida e chegada de cada aluno, pelas dúvidas, hesitações e vacilações. Pesquisadora despreziosa em relação a títulos e honorários, porém hiper consciente em relação aos empreendimentos necessários, cumulativos e divergentes para o conhecimento crítico. Mulher linda, suave, generosa, polida. Amiga para sempre guardada no lado direito do peito.



8M. Marilu liderou campanha em homenagem a mulheres cientistas

Cadernos da Marilú

Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna

Jornal nº 1.081 - 26/04/2019 - Edição comemorativa dos 40 anos da AdUFRJ

ARTIGO

POR QUE COMEMORAR?

Parentemente, nada a comemorar. Tempos sombrios em que liberdades são ameaçadas, direitos são suprimidos, truculência e intolerância são enaltecidas, mediocridade e ignorância são exaltadas... Nada a festejar, pois. Mas comemorar não significa apenas festejar no sentido lúdico do termo. Significa também, segundo o velho Aurélio, trazer à memória (lembrar, recordar). Valorizar a memória é, naturalmente, atividade primordial na vida privada, como registra o cancionista popular. Recordar é viver, assegura um sambinha carnavalesco dos anos 1950.

É, porém, na esfera pública, na dimensão da vida na qual o coletivo se impõe, que a valorização da memória se torna um ícone, como o próprio presidente brasileiro pôde constatar ao visitar o Museu do Holocausto em Israel. A memória é um símbolo disputado e por isso mesmo, por vezes falsificada. O episódio ocorrido com o presidente, aliás, tem a serventia de justificar um necessário esclarecimento. A formulação original da ideia de que o esquecimento do passado compromete o entendimento do presente e a expectativa do futuro se deve a um filósofo de verdade e não a um astrólogo: Heródoto, que viveu na Grécia no século V a.C., e é considerado o "pai" da História.

A nossa História começa há 40 anos. 1979 não configura um passado remoto. No entanto, como mudaram



MARILU homenageia o funcionário mais antigo da AdUFRJ, Belini

os tempos de lá para cá! No Brasil, fechamos o ciclo da ditadura militar, criamos uma Constituição Cidadã, passamos por oito eleições gerais, quatro presidentes, dois vices e dois impeachments. A AdUFRJ surgiu em meio a um boom de associativismo. O regime militar pouco a pouco se desidratava. Associações docentes nas universidades ainda cercadas, associações de bairros nas grandes cidades, associações profissionais representativas das mudanças ocorridas no mercado de trabalho... Enfim, no rastro da movimentação

sindical no ABC paulista, na época alcunhada de "novo sindicalismo", a movimentação de setores das classes médias ganhou corpo.

Naquele momento, o regime militar estava em descenso. A bandeira fundamental era a conquista e o exercício da democracia. Hoje essa questão está de novo posta. Contra possíveis recuos. É de novo uma bandeira forte dos movimentos sociais. Neste sentido, reavivar a memória é importante na nossa atividade como entidade representativa dos professores. A História nos ensina. A vitória da democracia no Brasil se deveu a um processo de alianças bastante amplo. A luta democrática exige alianças. É incomportável com atitudes isolacionistas e sectárias. Não se faz movimento social em guetos.

Na tarde de 26 de abril de 2019, no Salão Pedro Calmon, vamos entregar uma placa comemorativa a todos os presidente que a Adufjr teve desde 1979. Isso é importante, pois essas pessoas estiveram à frente deste processo, de várias lutas, algumas mais exitosas que outras, naturalmente. A gente festeja e rememora.

Muitas questões permaneceram na pauta ao longo desses 40 anos, mudando um pouco de feição, como a defesa da liberdade de cátedra, das condições de trabalho, de salários, da carreira docente, dos recursos para a pesquisa. Isso sempre esteve e está presente.



Mas temos alguns desafios que são mais contextualizados e que têm a ver com o Brasil e o mundo de hoje. Um diz respeito à questão do conhecimento - afinal, a universidade é o locus de produção e transmissão do conhecimento. Atualmente, o rigor do conhecimento está ameaçado por narrativas falaciosas, denominadas de fake news. Cabe a nós, como professores e ativistas sociais, resgatar a importância da precisão histórica e da natureza do saber formal. O tema do resgate da informação precisa é essencial quando estão na pauta questões que dependem do esclarecimento, como o enxugamento do Censo Demográfico e a ausência de um diagnóstico que embase a Reforma da Previdência com racionalidade - do contrário, entramos numa lógica messiânica, religiosa, em que se acredita e ponto final.

O segundo desafio é o da ação coletiva. Há uma desmobilização grande no Brasil, não só na universidade. Um crescimento da postura individualista, o que dificulta a ação de sindicatos e associações. Paradoxalmente, o momento exige ações organizadas que se pautem por uma lógica republicana. Daí a importância de comemorarmos para remorarmos essas quatro décadas de um sindicalismo com a nossa cara. Somos professores e pesquisadores. Nosso campo de luta é a disputa de ideias. Nas ruas e nas salas de aula. Que esse aniversário nos fortaleça em nossa unidade e em nossa diversidade.

Jornal nº 1.104 - 17/10/2019

ENTREVISTA

"SOZINHOS, NÃO GANHAMOS ESSA GUERRA"

ANA PAULA GRABOIS

Professora e socióloga Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna se despede do mandato à frente da AdUFRJ com o desejo de que, em meio ao cenário adverso para a educação e a democracia, a seção sindical "não deixe a peteca cair", mantendo a representatividade alcançada nas últimas três eleições. Ela defende que a

associação continue a mobilizar os professores em defesa da universidade pública e de chamar a sociedade para se engajar no tema, seja através de atividades na rua, debates ou da articulação com o Congresso a partir do Observatório do Conhecimento. "Temos que buscar apoios os mais diversos possíveis. Sozinhos, não ganhamos essa guerra".

O que destaca na sua gestão?

Quando chegamos, o Brasil já estava complicado. Havia o desafio de enfrentar tempos muito bichudos: aprovação do teto dos gastos, Reforma Trabalhista do Temer, tentativa de Reforma da Previdência. Depois, o contexto piorou com a eleição do Bolsonaro. Além de problemas políticos, autoritarismo e contenção de gastos, houve o ataque ideológico, essa coisa folclórica que o ministro da Educação representa. Levamos o desafio

adiante nas manifestações e eventos realizados internamente. O número de associados aumentou de 2017 para 2019. Fomos eleitos com um grau de aprovação bastante significativo em 2017, o que foi mantido em 2019. O que fizemos foi acompanhar e informar os associados. Nisso, o jornal teve um papel importantíssimo, se tornou leitura obrigatória. Durante o processo eleitoral de 2018, participamos ativamente com artigos de professores da UFRJ que normalmente não estavam no debate. Essa é a lógica de atuação dos professores, de defender a universidade, a democracia, o conhecimento e através de instrumen-

Jornal nº 1.091 - 12/07/2019

DISCURSO

DISCURSO DA PRESIDENTE DA ADUFRJ NA CERIMÔNIA DE POSSE DA NOVA REITORIA

Nesses dois anos em que estive à frente da AdUFRJ, nosso sindicato, vivi com orgulho e prazer duas situações privilegiadas. A primeira foi quando, ao assumir a presidência da associação, troquei de chapéu com o professor Roberto Leher. Durante anos, ele foi, reconhecidamente, uma liderança sindical e eu desempenhei em algumas ocasiões funções de autoridade administrativa, como diretora, como decana. E então eis que havíamos trocado. Eu me tornaria sindicalista e ele cumpriria - e cumpriu -, com coragem e responsabilidade, o papel de dirigente máximo da universidade.

A segunda situação privilegiada estou vivendo hoje, ao saudar, em nome da Associação de Docentes, a primeira reitora da UFRJ. O fato é, em si, substantiva e simbolicamente, de extrema importância. Pela gramatical flexão de gênero, por óbvio, e por tudo que isso representa para todos (e todos) nós, em termos de legitimação da diversidade. Também pelos indícios que expressa, de respeito à autonomia universitária. E, ainda, pela conotação implícita de que a instituição universidade bem como sua razão de existir - o conhecimento - importam.

Mas, se o fato é relevante em si, quando inserido no contexto político atual, chama por especial atenção. Pois que, adepto de atitudes erráticas e, em certos casos, imprevisíveis



EM 2019, NA POSSE DA REITORIA de Denise Pires e Carlos Frederico, Marilú alertou para as ameaças à universidade pública no desgoverno Bolsonaro

e até contraditórias, o governo federal não transmite segurança nas decisões que toma. Nem todos os reitores escolhidos pelas respectivas comunidades acadêmicas foram empossados. Ademais, tem o mau hábito de inverter ditos populares. Primeiro assopra, depois morde, por exemplo.

Especial atenção, no contexto atual, pois, afirmações identitárias não se encontram em curva ascendente de aceitação nas pautas decisórias. Autonomias também não são bem vistas, em particular pelo Presidente da República, que, se já não aprecia a autonomia de agências reguladoras, o que dirá da autonomia das universidades públicas. E

o conhecimento, venha ele através das ciências, das artes ou das letras. O conhecimento - ou a preocupação com o desenvolvimento nacional seja com a inclusão social pela via do conhecimento - não frequenta sequer a agenda do Ministério da Educação.

Sem dúvida, o caminho que Denise, Fred e seus colaboradores vão trilhar será árduo e atribulado. A escassez de recursos não será compensada por chocolates. Profissionais formados em Veterinária não substituirão professores de Filosofia. Os detratores de sempre e os que agora saíram do armário não vão silenciar. A surucucu, a serpente genuinamente brasileira, está à procura de um

buraco quente para colocar seu ovo. Tempos bichudos no horizonte. O projeto de destruição a que o presidente Bolsonaro se referiu logo no início de seu governo, não passa apenas pela Previdência Social. Passa também, e com força, pela universidade pública.

No entanto, o fato relevante se impõe. Se há prenúncio de tempestade, a capitã Denise, a Reitora, está aí, para ser a nossa Carola Rackete. Audácia não lhe falta. E a prudência, que também a cerca, sussurrará em seu ouvido, se necessário, o conselho de Paulinho da Viola. "Faça como um velho marinheiro, que durante o nevoeiro, leva o barco devagar". Boa sorte, Magnífica Reitora Denise.

tos próprios de professores - escrever, pensar, refletir, debater.

O que poderia ter feito mais?

Tivemos êxito nas atividades de rua, mas deveríamos ter feito de forma mais frequente, como aulas públicas, para que a sociedade entenda que a universidade é fundamental. Nem sempre a sociedade tem conhecimento de que os saberes estão em políticas públicas. O Observatório do Conhecimento pode ser aprofundado. É uma ideia muito boa pelo tipo de informação que pode trazer e porque significou a relação próxima com outras associações docentes ligadas ou não ao Andes. O

observatório permite o contato com parlamentares, é uma plataforma com profissionais para fazer essa relação institucional, como a que temos com a deputada Margarida Salomão, das comissões de Educação e de Ciência. Trouxemos a ideia de construir a sede própria, muito bem aceita. O contexto tornou-se cada vez mais duro com os cortes. Pensamos que não poderíamos gastar o recurso porque poderia haver necessidade de um fundo de greve. Não está fora da agenda, as diretorias que vierem podem retomar a ideia. Uma associação como essa tem que ter movimentos não só políticos, mas de sociabilidade.

Continuamos em uma conjuntura adversa. O que fazer?

Temos que buscar apoios os mais diversos possíveis. Sozinhos, não ganhamos essa guerra, que faz parte de uma guerra maior, de privatização total do Estado e desmonte do pouco que há de bem-estar social, Previdência, saúde. É um projeto neoliberal autoritário que coloca pautas diferentes. Nem todos da universidade são contra a Reforma da Previdência. A Educação é uma pauta que unifica mais. O trabalho é mobilizar os professores, a rua e ganhar apoios entre deputados e senadores dos mais diversos partidos.

Qual mensagem deixa à nova diretoria?

A diretoria que vai entrar demonstrou ter afinidade grande com os temas que enfrentamos. Espero que tenham criatividade para inovar onde não conseguimos, mas que também segurem a peteca. Essa peteca é a metáfora que usei para o legado que recebemos da direção anterior: mais que dobramos o número de votantes na eleição de 2015, algo importante porque antes eram 400 professores. Segurar a peteca é manter a representatividade. Tenho certeza de que farei, mas é bom lembrar que tem uma peteca que a gente não pode deixar cair.



“Sou de uma geração iluminista que encara a luz como a única saída para a produção do conhecimento. Não podemos deixar as trevas e o medo voltarem”

Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna